

“EU LEVEI MUITO TEMPO PARA FICAR EM PÉ COMO ESCRITOR”

VERENA PARANHOS

Quando menino, Cristóvão Tezza preferia um carrinho a um livro. Na adolescência, passou a ser leitor das bibliotecas de Curitiba, onde vive até hoje, e, aos 59 anos é considerado um dos grandes escritores do País. Em 2009, deixou o ensino universitário para se dedicar exclusivamente à literatura, pois muitas portas foram abertas com *O Filho Eterno* (2007), dentre elas os prêmios Jabuti, Bravo!, Portugal-Telecom e São Paulo de Literatura. Autor de romances como *Trapo* e *O Fotógrafo*, Tezza aposta agora em um livro de contos, *Beatriz*, que chega às livrarias esta semana.

O senhor gosta de participar de eventos literários e palestras ou acha tudo isso chato?

As duas coisas. Às vezes, é muito chato (risos), às vezes é legal. Junta uma coisa com outra. Eu praticamente vivo disso. Eu me demiti da universidade e hoje vivo do livro e derivados. Estou sempre viajando, fazendo palestras, participando de mesas-redondas. É uma forma de sobrevivência, de ter um contato com o mundo de leitores, divulgar o próprio trabalho.

O que te levou a deixar a docência?

Faltava muito tempo para eu me aposentar, uns dez anos ainda. Meu projeto acadêmico já tinha acabado e *O Filho Eterno* me rendeu tantos prêmios e abriu tantas portas que eu decidi romper e viver só dos livros.

O senhor acha que é um luxo e que poucos escritores podem fazer isso hoje?

Antes de 2000 era impossível. Talvez só Jorge Amado e algum outro escritor excepcional conseguiram viver de livros. Aumentou muito o número de leitores e de editoras no País. O livro passou a ser uma mercadoria valiosa e os eventos relacionados com literatura aumentaram exponencialmente. Eu hoje praticamente recebo um convite por semana.

E aceita quantos?

Em geral, um, dois ou três por mês. Você tem que fazer uma relação de custo-benefício. Mas eu praticamente rodei o País inteiro só em função dos livros. Isso não existia, é uma situação nova.

Como foi aventurar-se nos contos depois de 31 anos se dedicando ao romance?

Quando eu acabei *O Filho Eterno*, comecei a escrever uma série de contos. Aí surgiu uma personagem que no começo era Alice e virou Beatriz.



Lúcio Távora / Ag. A TARDE

O livro passou a ser mercadoria valiosa e os eventos relacionados com literatura aumentaram

Somente aos 30 anos publiquei meu primeiro livro. Acho que às vezes se publica de uma forma imatura

Um desses contos cresceu e virou um romance, *Um Erro Emocional*. Achei um livro mais denso, completo. Depois comecei a juntar aqueles contos anteriores e escrevi mais dois. Aí saíram sete narrativas longas e um prólogo explicando a origem do livro, que estão em *Beatriz*. Mas é um livro de contos meio de romancista mesmo.

Qual a diferença entre os dois livros de contos, *A Cidade Inventada* e *Beatriz*?

A diferença são 40 anos (risos) entre o garoto iniciante escrevendo os contos e agora um homem aos 59 anos. Tem todo um domínio técnico, uma visão de mundo, um outro olhar sobre literatura. Em *A Cidade Inventada*, eu era alguém que estava tentando descobrir sua própria linguagem. *Beatriz* é um livro de um escritor maduro.

O senhor acha precoce uma pessoa que escreve o primeiro livro e já busca publicação?

Acho. O tempo é muito saudável. Eu levei muito tempo para ficar em pé como escritor. Somente aos 30 anos eu publiquei o meu primeiro livro. Acho que tem que ter tempo, porque às vezes se publica de uma forma imatura, que depois vai se arrepender. Aliás, me arrependendo de algumas edições. Fico procurando no sebo para recolher quando acho (risos).

O senhor se arrepende dessas publicações por quê?

Porque acho fraco, de formação. *A Cidade Inventada* é um livro importante na minha formação, mas... eu fico caçando quando eu acho, para tirar de circulação.

Suas obras têm sido bastante premiadas no Brasil e no exterior. Como o senhor vê o sistema de reconhecimento da literatura no País?

É uma coisa nova. Exceto o Jabuti, que é um prêmio muito antigo, mas é quase que honorífico, não dá muito dinheiro. De uns anos para cá, surgiram prêmios de peso, de muito dinheiro: o Prêmio São Paulo (R\$ 200 mil), o Prêmio Portugal Telecom (R\$ 150 mil), a Jornada de Passo Fundo (R\$ 150 mil também). Quando sai uma lista de finalistas, cria-se notícia, as pessoas já se interessam, passa a ter discussão na internet de quem deve ganhar, quem não deve ganhar... passa a ser notícia. Tem pouco espaço para o livro virar notícia e os prêmios permitem a divulgação do trabalho e abrem portas.

CADERNO2MAIS.ATARDE.COM.BR

blog

Leia no blog do 2+ a entrevista completa, em que Cristóvão Tezza fala sobre sua relação com a tecnologia, adaptação de dois livros para o cinema, sua definição para o gênero romanesco e seu novo livro de contos, *Beatriz*